

O TRABALHO IMATERIAL DO PÉ-DE-OBRA NO FUTEBOL

Aldo Antonio de Azevedo¹

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise teórica do futebol como trabalho. Recorre-se ao conceito de trabalho imaterial para caracterizar duas dimensões analíticas, a saber: a) a do sujeito que trabalha; e, b) a do produto do trabalho. Desse modo, apesar de envolver elementos quantificáveis do trabalho material (salário, contrato de trabalho, jornada de trabalho que se reduz a treinamentos e jogos, etc), a atividade do jogador de futebol (pé-de-obra) para ser convertida em um espetáculo a ser consumido, depende essencialmente de elementos imateriais, não mensuráveis e subjetivos, como o talento esportivo e a inteligência coletiva dos jogadores.

Palavras-chaves: trabalho imaterial, talento esportivo, jogador de futebol.

Introdução

O presente texto discute teoricamente a atividade do jogador de futebol profissional a partir da noção de trabalho imaterial. Parte-se do pressuposto de que na atividade do jogador existem características quantificáveis e mensuráveis que indicam uma predominância do trabalho material e, em outras, elementos não mensuráveis e quantificáveis, do trabalho imaterial. Não existe, portanto, uma relação de determinação absoluta de uma ou outra forma de trabalho, mas de predominância.

Também, com base nessa premissa, acredita-se que qualquer análise ou interpretação de uma das formas, seja ela a imaterialidade ou materialidade, depende de um contraponto com a outra. Desse modo, acredita-se que a atividade do jogador de futebol envolve, não apenas o trabalho físico do corpo, como treinamentos, uma jornada de trabalho, salário e um contrato, que constituem, genericamente, bases do trabalho material; mas aspectos da subjetividade humana, como o talento, a imagem do jogador e a produção do espetáculo, que caracterizam o trabalho imaterial.

O interesse pelo debate sobre o tema teve origem no estudo sobre a relação futebol - empresa no Brasil, realizado em nossa Tese de Doutorado², em 1999, da docência em Sociologia do Esporte e da participação no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (GEPT), do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB).

Atualmente, no Brasil, o futebol vem sendo abordado por diversas áreas do conhecimento, em especial, pelas Ciências Sociais, além de ocupar espaço também, nas artes, como cinema, teatro, música, etc. Enquanto atividade, incorpora as características do esporte como o rendimento, a competição, o resultado, as regras codificadas internacionalmente e a luta contra um oponente direto usando o corpo físico, fatores estes que implicam, a princípio, em sua interpretação sob a ótica do trabalho material. No caso brasileiro é considerado muito mais como “jogo”, onde elementos como sorte,

¹ Pós-Doutor em Gestão do Esporte pela Faculdade de Motricidade Humana (FMH), de Lisboa, Portugal, e Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: aldoazevedo@uol.com.br.

² AZEVEDO, Aldo. *Dos velhos aos novos cartolas: uma interpretação do poder e das suas resistências nos clubes, face ao impacto das relações futebol-empresa*. Brasília, Universidade de Brasília, 1999. (Tese de Doutorado em Sociologia).

azar, drama, emoções, o talento do jogador e a inteligência coletiva, por exemplo, são componentes a serem considerados em suas análises.

Embora o imaginário popular alimente a idéia de que jogador de futebol é um privilegiado e ganha um alto salário, a realidade concreta demonstra que o futebol é um universo de desempregados da bola. Desse modo, na esfera da concepção de “jogo”, acredita-se que o talento, a visibilidade na televisão e a relação jogador-empresário constituem elementos sociológicos estruturantes do trabalho imaterial do jogador.

Nesta perspectiva específica, duas dimensões analíticas são elucidativas, a saber: a) a do sujeito que trabalha; e, b) a do produto do trabalho. Desse modo, duas indagações surgem como centrais: Como podemos interpretar o trabalho imaterial sob a ótica do trabalho do jogador de futebol? O que o jogador produz com o seu trabalho?

No que diz respeito ao referencial teórico, recorreu-se, inicialmente, aos estudos marxistas acerca da relação capital *versus* trabalho, expressos em seus textos clássicos - *O capital*, *A ideologia alemã* e os *Grundrisse*. Também, num segundo momento, às atuais interpretações acerca da imaterialidade do trabalho, tida como uma nova vertente de análise daquela relação, expressa nas contribuições de Negri & Lazzarato (2001), Gorz (2005), Imbrizi (2005) e Codo e colaboradores (1993) dentre outros.

Sobre o Trabalho Imaterial

O próprio Marx, em seus escritos, já havia feito uma previsão de mudanças no capitalismo e, em especial, na esfera do trabalho, idealizando o surgimento de uma forma avançada em relação ao trabalho abstrato simples, da época de Adam Smith, que era considerado como fonte de valor. A mensuração e quantificação da produção em relação ao tempo gasto, paulatinamente, passam a ser substituídos por uma complexidade crescente em termos de padrões. Aliás, nos *Grundrisse*, Marx apontava que o conhecimento se tornaria a principal fonte de riqueza e que o trabalho imediato, quantificável e mensurável deixariam de ser a medida dessa riqueza criada, e esta dependeria cada vez menos do tempo e da quantidade de trabalho requeridos, exigindo mais do nível geral da ciência e do progresso da tecnologia.

Também, a partir de 1980, no entendimento de alguns autores que estudaram as recentes transformações no mundo do trabalho, o período de vinte anos de reestruturação produtiva levou à derrota do chamado operário fordista e trouxe à tona a centralidade de um trabalho vivo cada vez mais intelectualizado, que constituiu as bases do trabalho pós - fordista. Daí justifica-se, a princípio, a hegemonia do trabalho imaterial do operário social, nova categoria de operário ou proletário que surge no pós - fordismo. Nesse cenário, a noção de trabalho imaterial assume relevância e elementos convergentes são aqui apontados por alguns autores.

Cattani & Holzmann (2006:327), genericamente, entendem por trabalho imaterial, “o conjunto de atividades corporais, intelectuais, criativas, afetivas e comunicativas inerentes ao trabalhador...”, e disso resulta, além de produtos materiais, produtos intangíveis como sentimentos de confiança, segurança e conforto aos consumidores numa nova relação produção-consumo. Acrescenta-se a isso, ainda, o fato de que o produto do trabalho imaterial, ao ser consumido, não mais permanece com o seu consumidor como permaneceria o produto do trabalho material.

Para Lazzarato & Negri (2001:45), do mesmo modo, a perspectiva da construção do conceito de trabalho imaterial encontra relações com o seu ciclo produtivo e com a subjetividade, entendendo esta última como estilos de vida ou modos de existência. O trabalho imaterial aqui é aquele que incorpora todas as características da economia pós-industrial, presentes tanto na indústria quanto no setor terciário. Tais características são

acentuadas na forma da produção “imaterial” propriamente dita. Atividades como a produção audiovisual, a publicidade, a moda, a produção de software, a gestão do território, etc. são definidas e balizadas pela relação que a produção mantém com o mercado e os consumidores.

Com base no ponto de vista acima, podemos dizer que os campos midiáticos, como a televisão, a internet e os outros meios de comunicação que circundam e patrocinam o esporte da alta competição, como o futebol, por exemplo, constituem bases exteriores do trabalho imaterial do jogador, reforçando positivamente ou negativamente sua carreira e sucesso no mercado.

Sob o olhar de Gorz (2005:9), o trabalho imaterial apresenta-se como uma espécie de economia do conhecimento do capitalismo, onde o trabalho, a produção industrial e o setor de serviços, incorporam um componente de saber, de relevância crescente, que é responsável pela redefinição de categorias centrais como valor, capital e trabalho. Mas, o saber a que se refere esse autor não se permite ser manipulado como mercadoria; pois, os custos da sua produção muitas vezes não podem ser determinados e o seu valor mercantil não pode ser mensurado de acordo com o tempo de trabalho necessário gasto em sua criação:

“Ninguém é capaz de dizer com precisão onde, no contexto social, o inventivo trabalho do saber começa, e onde termina. Ele pode estar numa atividade de lazer, num hobby, num serviço extra. Aliás, não existe uma relação de equivalência entre formas de saber e conteúdos: eles são intercambiáveis. Todo saber pode valer por um valor particular único e incomparável. Porém é exatamente o que tem de incomparável que acaba sendo utilizado pelo capital”. Gorz (2005:10-11).

No que se refere ao saber do jogador que trabalha como profissional de futebol, o incomparável é o que distingue e se traduz como uma qualificação individual: o talento esportivo. É esse talento que converte o jogador em mercadoria e os elementos para mensurá-lo não são materiais.

A Perspectiva do Sujeito que Trabalha

Na esfera do sujeito que trabalha, antes de focar o trabalho imaterial, não há como abstrair elementos da materialidade; pois, envolve diretamente o trabalho físico ou do corpo físico. Desse modo, a atividade do jogador é uma atividade física, onde usa do seu corpo físico nos treinamentos e nos jogos. Aqui, de início, pode-se dizer que há um predomínio da forma trabalho material. O corpo do jogador é o objeto do trabalho, que se assemelha com o chamado trabalho braçal; ou com o trabalho dos garis ao recolherem o lixo nas residências, os motoristas de coletivos, os operários da construção civil, etc.

No entanto, há um aspecto imaterial, que se refere aos elementos do “afetivo” (grupos de jogadores em colaboração e entre-ajuda) e “intelecto” – (a inteligência esportiva que demarca a qualidade, a técnica e o estilo do jogador para atuar no campo de jogo, que pode-se denominar como “talento esportivo”). Cabe lembrar, porém, que existem jogadores no mercado e com sucesso profissional, sem ter necessariamente esses requisitos. Há casos em que a liderança, o desempenho e o comportamento exemplar do jogador, são suficientes para a sua colocação no mercado de trabalho, ainda que não possuam “talento esportivo”.

Há uma estreita relação entre a concepção de subjetividade e a esfera do trabalho. Desse modo, entende-se com Imbrizi (2005), que a subjetividade do trabalhador incorpora em seu estudo as categorias expropriação e apropriação, advindas da teoria da revolução de Marx. Faz parte desse estudo, ainda, a noção de “afeto”, não no sentido freudiano do termo, mas com significado de mediação, vinculação e afetação, que em última instância traduzem uma linguagem simbólica ou fusão dialética no processo de produção.

Os estudos de Codo e colaboradores (1993:190), no entanto, acrescentam que se, antes, nas comunidades primitivas e durante a escravidão, havia uma fusão entre afeto e trabalho, de modo que não se podia falar de uma distinção entre a estrutura produtiva e reprodutiva, hoje, há, na verdade, uma cisão entre o afeto e o trabalho; pois, *“existe sempre uma transferência de subjetividade ao produto: trabalhar é impor a nossa face, o mundo fica mais parecido conosco e, portanto, nossa subjetividade depositada ali fora de nós, nos representando”*.

Assim, do mesmo modo que o mundo do trabalho e o mundo do afeto se desenvolveram nos universos distintos das fábricas ou indústrias e o lar, o esporte, em especial, o trabalho do jogador de futebol acompanhou tal transformação. Guardadas as devidas proporções, no que se refere ao processo produtivo, entre a fábrica e o time de futebol, quando o modo de produção isola o produtor de seu produto, verifica-se uma transformação no trabalho e nas subjetividades.

O trabalho é transformado em força de trabalho e o seu produto em mercadoria, abstraindo a subjetividade humana desse produto. No futebol, o espetáculo (produto imaterial do trabalho) apresenta-se, portanto, como um objeto de consumo que é apropriado ou expropriado dos sujeitos que, de fato, o produzem: os jogadores.

A Perspectiva do Produto do Trabalho Imaterial

O resultado industrial do trabalho traduz-se por duas formas distintas: o produto material e o produto imaterial. De fato, no esporte e, em especial, no futebol, o mesmo pode ser dito. O treinamento físico, a participação em um jogo que resulta em vitória, derrota ou empate, seriam produtos materiais do trabalho de um jogador de futebol. Desse modo, a essência, na perspectiva do que se produz, é o trabalho material. Aqui, há uma relação de correspondência entre o sujeito que trabalha e o produto desse trabalho, onde o corpo físico é o objeto ou a via de acesso à produção. Essa produção é o movimento corporal e a técnica.

No que se refere ao ciclo da produção imaterial, (Lazzarato & Negri (2001:44), apontam que a grande indústria, a empresa e a economia pós – industrial estão assentadas sobre o tratamento da informação. As características de uma nova integração entre consumo e produção, desenvolvem as chamadas “relações de serviço” como informação, necessidades dos consumidores, valores, interação entre os seres humanos, subjetividades, etc.

Hardt & Negri (2005:149), por sua vez, apresentam algumas características da produção do trabalho imaterial, que se divide em duas categorias, a saber: o trabalho intelectual ou lingüístico (idéias, símbolos, códigos, produtos culturais, etc); e, o trabalho afetivo (excitação, paixão, emoções, subjetividades, etc), onde podemos encontrar elementos que estão presentes na atividade do jogador de futebol e na própria produção do espetáculo.

Gorz (2005:17) também identifica que neste novo processo do capital, na “sociedade da inteligência” (*Knowledge society*), o saber é feito de experiências e de práticas que se transformam em evidências intuitivas, hábitos; e a inteligência cobre

todo o leque das capacidades que vão do julgamento e do discernimento à abertura de espírito, à aptidão de assimilar novos conhecimentos e de combiná-los com os saberes.

A partir de tais interpretações, percebe-se que o melhor jogador de futebol é aquele que combina capacidades, possui o saber; mas, o saber criativo que o insere numa espécie de sociedade da inteligência esportiva. O conhecimento cognitivo, a técnica, o estilo, a capacidade de criação e improviso no campo de jogo e na produção do espetáculo, são essenciais para se dizer que um jogador de futebol é um talento, de fato.

No que diz respeito ao produto do trabalho do jogador – o espetáculo – percebe-se que trata desta combinação de talentos individuais; mas, acima de tudo, o resultado final é de uma produção coletiva para o mercado. Desse modo, por analogia, a produção do espetáculo é coletiva e não é igual à soma dos talentos individuais, considerados isoladamente; mas, à combinação e à coordenação entre os jogadores. Esse resultado é imaterial, intangível; mas, produzido para o consumo.

Portanto, se, para um jornalista, por exemplo, o produto imaterial do seu trabalho seria a “idéia” ou o “sentido” que fica do seu texto material e jornalístico, e não todo o conjunto de letras gráficas; se, para um artesão, seria a satisfação pelo que produziu materialmente (uma cadeira artesanal, por exemplo) e que tem um “valor” imaterial para si mesmo; no caso do jogador, sua atividade material ou participação como um trabalhador da bola, durante um jogo de futebol, resulta na produção imaterial “espetáculo”. Sob essa forma, o esporte se converte em mercadoria para ser vendida e consumida.

Nesta combinação produtiva, há que se levar em conta a substituição do físico pelo imaterial e a imposição de uma nova divisão do trabalho. Isto tem uma relação de correspondência como o fato de mega-empresas, como a Nike, por exemplo, ao lançarem sua marca nos uniformes dos jogadores, estão também promovendo sua marca pela substituição do físico pelo imaterial, a medida em que essa marca será divulgada gratuitamente pela visibilidade da camisa na mídia. Do mesmo modo, tem-se uma divisão de trabalho, transferindo para o jogador e para a televisão o trabalho de divulgação da marca.

Aliás, Gorz (2005:39) identifica estas mudanças fazendo referências à terceirização, a partir do abandono do capital material aos parceiros contratados pela firma-mãe, que os força a intensificar continuamente a exploração de sua mão de obra. Nos termos do futebol, tem-se os “pés-de-obra” (jogadores), que são explorados e expostos na televisão para intensificar a divulgação da marca e promovem o grande espetáculo da firma-mãe: o consumo.

Segundo (Lazzarato & Negri (2001:27), dois elementos são relevantes para fundamentar teoricamente a nova ordem do trabalho: a) a transformação do trabalho em trabalho imaterial e da força de trabalho em intelectualidade de massa (os dois aspectos são chamados por Marx, de *General Intellect*); b) a intelectualidade de massas pode transformar – se em um sujeito social e politicamente hegemônico.

A idéia embutida na noção de *General Intellect*, nos Grundrisse, de Marx, é aqui elucidativa, a medida em que permite interpretar o talento esportivo como algo vinculado à inteligência para jogar; ou seja, um fator que diferencia subjetivamente um jogador de outro, e faz dele uma mercadoria individual, que contribui para a criação de um produto imaterial do trabalho: o espetáculo.

Com base nestas observações, a transformação da atividade do jogador em trabalho imaterial e da força de trabalho em intelectualidade de massa, se opera a medida que o produto espetáculo para as massas resulta de uma composição de individualidades, que são os jogadores de talento, mas que os supera coletivamente.

Considerações Finais

A análise teórica das relações entre o trabalho do jogador de futebol e o trabalho imaterial, nos permitiu, inicialmente, apontar algumas questões relevantes, a saber: a) na atividade do jogador a materialidade ou imaterialidade do trabalho estão presentes; b) o trabalho imaterial incorpora o talento, ainda que este seja uma característica individualizada e atemporal, que sempre marcou os grandes ídolos do futebol e os distinguiu em relação aos demais. Porém, entende-se que esse talento também passa a fazer parte de uma produção coletiva ou o produto de uma “intelectualidade de massa”, que é o espetáculo. O "talento individual" imaterial depende da "inteligência coletiva" do grupo.

Fica claro, ainda, que não existe, portanto, uma relação de determinação absoluta de uma ou outra forma de trabalho, mas de predominância.

À medida que valoriza novas subjetividades, a visibilidade na televisão (necessários à conversão do jogador em mercadoria) e a produção do espetáculo, a forma da imaterialidade do trabalho se realiza. E, sob o signo da mercadoria, pode-se compreender, ainda, como o jogador transforma-se num patrimônio dos clubes e de empresários particulares. Essa é a lógica que predomina hoje, em razão do grande volume de negócios que permeiam o futebol e seus espetáculos no mundo, muito embora o trabalho corporal do jogador, dialeticamente, também seja necessário à imaterialidade da sua imagem no mercado.

O talento esportivo é uma qualidade individual que permite distinguir um jogador de outro e incorpora critérios como conhecimento, genialidade, habilidade, criatividade, estilo, técnica, etc; que se identificam aos requisitos exigidos hoje no mundo do trabalho. Desse modo, quando produz o espetáculo, o talento constitui parte de um produto coletivo, que se assemelharia à inteligência coletiva ou *General Intellect*.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aldo. *Dos velhos aos novos cartolas: uma interpretação do poder e das suas resistências nos clubes, face ao impacto das relações futebol-empresa*. Brasília, Universidade de Brasília, 1999. (Tese de Doutorado em Sociologia).

CATTANI, Antonio & HOLZMANN, Lorena. *Dicionário de trabalho e tecnologia*. (Org.). Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2006.

CODO et al. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. 2ª.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005. Tradução de: Celso Azzan Júnior.

IMBRIZI, Jaqueline Maria. *A formação do indivíduo no capitalismo tardio: uma análise de estudos que vinculam a esfera subjetiva ao mundo do trabalho*. São Paulo: Hucitec, 2005. 322p.

LAZZARATO, Maurizio & NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. Tradução de: Mônica Jesus.

MARX, Karl. *Elementos fundamentales para la critica de la economia política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de textos de José Arthur Giannotti. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins F

NEGRI, Antonio & HARDT, Michel. *Multidão*. guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.